

BLIMUNDA

MEMÓ

BR A

E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?

**Bom
2013**

O texto adiado de Giorgio Agamben

EM 1991, O FILÓSOFO GIORGIO AGAMBEN participou no colóquio “Lacan avec les Philosophes”, realizado pelo Collège International de Philosophie de Paris. Quando a editora Albin Michel publicou as atas, reunindo as intervenções de todos os participantes no encontro, o texto de Agamben não constava do índice, surgindo, em vez dele, uma nota que explicava que esse texto não tinha chegado a ser entregue pelo autor aos responsáveis pela edição. Mais de vinte anos depois, Cláudio Oliveira, professor de Filosofia na Universidade Federal Fluminense, no Brasil, conta à *Folha de São Paulo* como tem perseguido o texto que Giorgio Agamben nunca entregou em encontros e trocas de correspondência com o seu autor, e como continua à espera que o filósofo se sente em frente ao computador e transforme a versão manuscrita da sua conferência num documento que possa ser publicado. Para já, tudo o que existe é o original, na posse de Agamben, que promete resolver o assunto assim que tenha algum tempo disponível. E existe a memória dos que estiveram presentes no colóquio, bem como a esperança de Cláudio Oliveira, certamente partilhada pelos leitores do filósofo: “Coincidentemente, há alguns dias, depois de já ter escrito este texto, recebi um e-mail de Agamben dizendo que me enviará a versão final do ensaio em poucos dias. Será?” Uma demanda textual que ameaça tornar-se mais citada do que o conteúdo do texto que Agamben, um dia, voltará a trazer a público.

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1189581-a-obra-inedita-do-filosofo-italiano-giorgio-agamben.shtml>

Um guia de Angola, uma revista sobre o Corpo

O FOTÓGRAFO E FOTOJORNALISTA Joost De Raeymaeker percorreu Angola ao longo de cinco meses, registando o que via e procurando o que não estava à vista. A viagem terá sido acidentada, com percursos à boleia, noites em camas pouco estáveis ou até ao relento e imprevistos de toda a espécie, agora partilhados no livro *À descoberta de Angola* (Oficina do Livro), depois de terem dado origem a uma exposição. No site Buala, onde o autor já tinha colaborado com outras imagens, publica-se uma seleção das fotografias de De Raeymaeker. E porque o Buala tem sido um polo essencial para a divulgação das produções culturais oriundas de África e para o pensamento em torno destas produções e das realidades associadas, fica a notícia de que a equipa que faz o site está a recolher fundos para a publicação de uma revista multidisciplinar em papel, dedicada ao tema do Corpo, através do sistema *crowdfunding*. A revista deverá sair em 2013 e até ao dia 20 de dezembro deste ano ainda é possível contribuir para esse projeto.

<http://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/a-descoberta-de-angola>

<http://www.buala.org/pt/as-ler/corpo-em-revista-novo-projecto-buala>

Quem tomará conta da informação digital?

JOSÉ AFONSO FURTADO PUBLICOU recentemente o livro *Uma Cultura da Informação Para o Universo Digital*, com selo da Fundação Francisco Manuel dos Santos, e quem quiser estar a par da reflexão mais atual sobre as tecnologias da informação e sobre a literacia na era do digital não pode prescindir de o ler. Pouco depois do lançamento deste título, o mais recente numa já longa bibliografia que o autor tem dedicado ao livro, às mudanças de paradigma de leitura e transmissão do conhecimento, o autor deu uma entrevista ao *Público*, conduzida pelos jornalistas Isabel Coutinho e João Pedro Pereira. As bibliotecas públicas e a gestão da informação, os computadores e tablets utilizados no ensino e a questão de saber que modelos de armazenamento se estão a configurar para os dados existentes em todo o mundo são algumas das questões abordadas. Diz José Afonso Furtado: “No livro, aplico à infosfera as preocupações que é comum ter-se com a biosfera. Só que a informação não é considerada um objeto tão grave e tão frágil como é o Amazonas ou o aquecimento global. Mas é a mesma coisa, porque a dificuldade vai ser escolher o que se guarda e o que se deita fora, o que deve ficar conservado e como. Há a preocupação de não perder informação ao mudar de suportes e, sobretudo, de saber como é que vamos encontrar o que queremos e como é que o vamos obter.” Questão pertinente e nem sempre perceptível quando ligamos o computador para encontrar uma resposta.

<http://publico.pt/tecnologia/noticia/a-informacao-e-fragil-como-o-amazonas-1574661>

Pensar a Europa

A VIAGEM DO JORNALISTA SUECO PER Wirtén pelas regiões do leste europeu que mais sofreram com as guerras dos últimos anos resultou num artigo cuja leitura parece tão pertinente quanto a discussão sobre a Europa e o seu modelo político e económico estão na ordem do dia. “A nossa viagem de verão transformou-se numa peregrinação europeia. Explorámos a periferia das grandes regiões a que o historiador Timothy Snyder chamou as “terras de sangue” ou “campos de morte” da Europa: o centro geográfico dos genocídios nazi e comunista, onde doze milhões de seres humanos foram mortos entre 1933 e 1944.” Entre a herança do ódio e a da esperança, o jornalista conclui que não há outro modo de evitar novos colapsos que não passe pela educação para a política e pelo compromisso dos cidadãos com a sua comunidade. Se isso inclui um governo europeu ou não, é motivo para outras discussões. Originalmente publicado no *Dagens Arena*, o texto de Wirtén está disponível em português e castelhano no *PressEurop*.

<http://www.presseurop.eu/pt/content/article/3025651-como-preservar-o-milagre-europeu>

Seleção gourmet

Acaba de chegar às livrarias a mais recente publicação da Boca, a editora de audiolivros em cujo catálogo não se encontra um só exemplar daqueles trabalhos que, assegurando algum retorno financeiro, não darão grande orgulho ao editor. Todos os livros feitos pela Boca são devedores do seu lema, “palavras que alimentam”, e não há um único do qual se possa dizer que é menos interessante, uma realização aquém das possibilidades, um gesto quase falhado. O catálogo da Boca é curto, como curta é a sua existência (nasceu em 2008), mas a solidez das escolhas é já um facto, o que se confirma com este último livro, *de nada*, de Alberto Pimenta.

O novo *opus* do autor surge aqui com os poemas impressos como mandam as regras da boa tipografia, coisa que se deve a Pedro Serpa, e bem acompanhado por dois cd's onde se ouve o próprio Alberto Pimenta lendo a obra, acompanhado de discretos e pertinentes efeitos sonoros, num trabalho de sonoplastia de Oriana Alves e Nuno Morão. A poesia recupera o seu modo primordial, o da oralidade, mantendo a possibilidade de ser alcançada pela leitura silenciosa. Melhor ainda, é possível juntar as duas coisas, e essa é a opção que tem sido frequente no trabalho da Boca. *de nada* é um livro deste tempo, como são deste tempo todos os livros de Alberto Pimenta, mesmo os que foram escritos há muitos anos. Mas *de nada* é deste tempo de um modo epidérmico, porque cada poema escancara a brutalidade, a indiferença, a pobreza e os discursos que tudo apertam, da caridade mais bolorenta à inevitabilidade que se está mesmo a ver onde chegará (não será por acaso que o livro abre com um poema onde a Revolução Francesa é tema e cenário e onde não falha a referência aos brioques que Maria Antonieta, antes de perder a cabeça, queria dar ao povo que não tinha pão). Não falta a crítica, o equilíbrio da métrica, a

noção omnipresente do *continuum* que é a história da humanidade. Mas não falta, sobretudo, a certeza de cada verso ter as sílabas justas, nem mais, nem menos, e de cada poema ser o que diz e não o que deixa inventar.

Antes deste *de nada*, a Boca já tinha marcado o ano editorial com dois outros audiolivros, *Contatinas*, de Luís Correia Carmelo, e *Guia das Aves de Aquilino Ribeiro*. O primeiro não traz livro impresso, mas o que está gravado no cd não deixa amarguras de ouvido. Luís Correia Carmelo e a sua concertina, acompanhados por Nuno Morão, fazem desfilar histórias onde um vasto património tradicional, quer temático quer expressivo, se cruza com a criação e a recriação do autor. São histórias de quotidianos banais marcadas pelo extraordinário que todos os quotidianos banais encerram – assim haja quem continue a saber mostrá-lo. No *Guia das Aves de Aquilino Ribeiro*, a matéria impressa vem da obra do escritor, mas o trabalho de recolha, contextualização e edição deve-se a Ana Isabel Queiroz, que selecionou os excertos da obra aquiliniana onde as aves são descritas com o pormenor burilado do autor, não exatamente com o propósito de um ornitólogo, mas ainda assim com a atenção de quem conhece cada pássaro pelo canto ou pela penugem. Ainda no livro, a prosa de Aquilino ganha o diálogo com as ilustrações de Maico (Carlos Pimenta), que oscilam entre o rigor do traço científico e alguns lampejos mais estilizados, conforme a ave e a sua envergadura. No cd que integra o livro, há música de José Eduardo Rocha, leituras de Fernando Alves e os registos de muitas aves, fornecidos pelo projeto Paisagens Acústicas Naturais de Portugal. Como é de regra nos livros da Boca, a experiência pode ser simultânea, complementar ou totalmente independente. O leitor escolhe, certo de que o que tem nas mãos é precioso.



Alberto Pimenta
de nada
Boca

Luís Correia Carmelo
Contatinas
Boca

Ana Isabel Queiroz
Guia das Aves de
Aquilino Ribeiro
Boca

Globo Histórico Iluminado - Livro de Bordo

*Seleções do Reader's Digest
Comprado na Feira da Ladra,
Lisboa, 0,50 euros*

Quando se enfrenta um monte de livros empoeirados por entre a confusão de coisas, gente e ruídos que compõe a Feira da Ladra, as exigências que costumam acompanhar um leitor que entra numa livraria para comprar livros têm de ser postas de parte. Séries truncadas, lombadas desfeitas ou livros com páginas arrancadas são coisa habitual nestas demandas, tão habitual como encontrar o caderno escolar de alguém perdido no meio de algum livro ou a dedicatória de um autor esperançado em ver a sua obra repousar numa prateleira bem frequentada. Encontrar uma espécie de manual de instruções que acompanharia um objeto isolado da sua razão de existir não é, por isso, coisa estranha.

O objeto seria um globo terrestre, equipado com um sistema de marcação de coordenadas apresentado (no livro) como totalmente inovador. A data de impressão é 1981, sendo 1976 a data da primeira publicação norte-americana. Nesta altura, portanto, um globo para consumo escolar ou doméstico com coordenadas incorporadas era uma inovação, com a espetacularidade ampliada pela presença de um ponto luminoso que indicava o local correspondente às coordenadas na superfície terrestre. Para garantir a procura exata de nomes de cidades ou outras localidades, o Spot Globe, assim se chamaria o modelo, fazia-se acompanhar de um livro – este – com as explicações necessárias ao funcionamento do globo, os fusos horários e a lista de todas as coordenadas correspondentes às cidades e localidades disponíveis. A essa informação, o *Globo Histórico Ilumi-*



nado - Livro de Bordo acrescenta alguns capítulos sobre história universal, património natural, indústria e geografia política, permitindo ampliar as pesquisas: por exemplo, se quisermos saber onde ficava a cidade de Ur, onde se encontram as principais centrais de energia nuclear ou o local de onde é originária a beterraba-açucareira, este livro de instruções indica as coordenadas que devemos introduzir nas escalas do globo para que este apresente as respostas pretendidas.

Tudo isto parece arcaico quando podemos sentar-nos em frente a um computador e consultar mapas detalhados, com fotografias tiradas por satélite, de toda a superfície terrestre, pesquisar qualquer ponto através de coordenadas ou de outros dados e pedir a um motor de busca que cruze por nós as referências que precisamos de cruzar. Tudo isto será, portanto, arcaico, testemunha de um tempo em que a pesquisa ainda implicava consulta de livros e em que a utilização de um globo terrestre era uma espécie de gesto extraordinário, um complemento à informação que se oferecia sob a forma de modelo tridimensional, dando-nos a ver aquilo que enciclopédias e outras obras de referência apenas diziam ou mostravam em imagens. Um livro de instruções é também um documento que ajuda a definir um tempo, e pode perder a sua função primordial sem que esse valor documental se altere. É o que acontece com este livrinho, afastado do globo cujo funcionamento pretendia elucidar e ainda assim tão revelador do que a espuma dos dias deixou para trás há tão poucas décadas. **SFC**



FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

**Segunda a Sexta
Monday to Friday**

**10 às 18 horas
10 am to 6 pm**

**ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US**
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

**Sábado
Saturday**

**10 às 14 horas
10 am to 2 pm**

**COMO CHEGAR
GETTING HERE**
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

memória

**Somos a memória que
temos, sem memória não
saberíamos quem somos.**
José Saramago

coleci onara vida

Na Primavera de 1974, em Istambul, um homem prestes a casar-se vive um amor proibido. O homem é Kemal,

um filho da burguesia turca que, nessa altura, olha para a Europa como centro de todos os futuros, e a sua paixão é Füsün, uma prima vários anos mais nova. Entre as ameaças constantes ao seu amor clandestino e a noção de que o tempo passará, inexoravelmente, Kemal dedica-se a recolher todos os vestígios materiais que de algum modo se relacionam com Füsün e os dias de ambos e com eles conta a sua história. A narrativa de O Museu da Inocência não se sustentaria sem os ganchos de cabelo, as châvenas abandonadas, as fotografias a sépia; mais do que testemunhos de um amor passado, os objetos de Kemal são como amuletos, único modo de alcançar o que não existe, o que poderia ter existido se a realidade dos dois amantes fosse outra. O pequeno museu privado de Kemal torna-se, assim, matéria narrativa, deixando perceber que a conjugação fatal entre tempo e decisões individuais pesa mais sobre a sua voz do que a nostalgia de um passado edílico. Não é apenas a tristeza pela perda de um amor que atormenta o narrador, com as inevitáveis dúvidas sobre o que poderia ter acontecido se, mas igualmente a noção do que já não é, do que passou sem qualquer hipótese de redenção – e aqui há o amor por Füsün, mas há igualmente a juventude, com a sua aura de tudo ser ainda possível, os vivos, sem nenhum sinal de que não o serão por muito mais tempo, e a cidade como viveiro de todas estas ilusões, oferecendo as ruas, os cafés, o Bósforo e as cúpulas das mesquitas ao delírio de tudo parecer um eterno vagar entre o conforto da infância e o anunciado embate da vida adulta. **Sara Figueiredo Costa**

INSTANTIU VIRGINIA

27

VIRGINIA



As chaves de Kemal na vitrina exterior do museu

QUANDO *O Museu da Inocência* foi publicado, em 2008, Orhan Pamuk anunciou a sua intenção de construir um museu físico com os objectos elencados no livro. Segundo o autor, em declarações espalhadas pelas várias entrevistas que deu nessa altura, a ideia do museu foi desenvolvida ao mesmo tempo que escrevia o romance homónimo, como se museu e romance fossem uma e a mesma coisa, ganhando corpo em formas diferentes. Antes de escrever o livro, o autor passou alguns anos a recolher objectos que remetiam para o passado recente da sua cidade. Familiares, amigos, coleccionadores e antiquários foram-lhe fornecendo os elementos que permitiram conceber o museu, o livro e o romance, e foi a partir deles que Pamuk ergueu a história do amor de Kemal e Füsün. Já este ano, o museu tornou-se realidade, abrindo as portas em Istambul, a cidade que lhe deu forma e essência. Agora, quando se fala de *O Museu da Inocência*, já não é claro se é do livro ou do edifício que se fala. E se é legítimo ou relevante tentar deslindar as intenções de um autor, talvez essa tenha sido, desde o início, a intenção de Pamuk.

DEPOIS de alguma procura, Pamuk conseguiu comprar um pequeno edifício de três andares no bairro de Çukurkuma, uma zona de Istambul conhecida pela sua calma, pelos prédios coloridos e pelas muitas lojas de antiguidades. Passeando pela cidade, não se imagina melhor localização. O bairro é central e acessível, simultaneamente no coração da cidade e longe do seu bulício. Saindo da Praça Taksim, centro nevrálgico de Istambul (e, olhando para o trânsito automóvel e pedonal, centro nevrálgico de todas as estradas do mundo), e caminhando em direcção ao Bósforo, há um momento em que a paisagem se altera. Não é uma mudança brusca na arquitectura ou no traçado das ruas, mas é como se saíssemos da agitação romana para a placidez bizan-

tina. Há carros, mas poucos, há gente sentada nas portas e muitos gatos dormindo ao sol, ignorando com altivez os passos de quem por ali anda. E há os antiquários e as lojas de velharias, velhos baús expostos na rua, cadeiras, rodas de carroça, uma antecipação desse vislumbre de imortalidade que os objectos parecem conferir às vidas de cada um e que havemos de encontrar no museu do escritor mais famoso da cidade.

Quando se entra no Museu da Inocência é fácil perder a noção das fronteiras. O museu é obra de Pamuk, tal como o romance, mas vitrinas e capítulos instalam no visitante e no leitor a mesma dúvida sobre autorias e memórias: terá sido Pamuk a inventar Kemal, ou o inverso? No livro e no museu, a narrativa que se oferece, crescendo numa monumentalidade que se alimenta do quotidiano e dos seus pequenos vestígios, é a mais sólida das invenções. O que se mostra não pode ser outra coisa que não a *memorabilia* de um homem que não tem nada de ficcional e que surge rodeado de pessoas que não podem ser personagens. As dentaduras ressequidas dentro dos copos, as madeixas de cabelo, os alfinetes de prender a roupa, tudo é familiar mesmo quando é exótico, ou pela antiguidade que garante a ausência de convívio, ou pela distância geográfica, se Istambul não for familiar para o leitor/visitante. Não há um vestígio de estranheza, aquela estranheza que costuma assegurar a boa separação dos terrenos entre o que gostamos de chamar realidade e o que acreditamos ser ficção, ainda que o café turco nos seja conhecido apenas dos livros, assim como o raki que toda a cidade parece consumir ou os véus que cobrem os cabelos femininos. Aquele espólio podia ser de qualquer pessoa, nosso também, e o que fica de cada vitrina é a certeza de que pouco mais sobra depois de uma vida, de qualquer vida, para além do amontoado de papéis, objectos, mecanismos partidos, louça suja e a missão que tudo isso junto parece clamar junto dos que ficam: um sentido, alguém dê um sentido à tralha que ficou.

LINDA WITTI VIRGINIA

11

FLINIA



56

Exterior do Museu da Inocência, em Çukurkuma, Istambul

O Museu espalha-se pelos três andares, com cada vitrina a corresponder a um capítulo do romance. O risco de tornar uma colecção tão íntima numa exposição tétrica de lembranças, um pouco como aquela sensação desconfortável que surge quando entramos na casa ou no quarto de um morto, foi evitada pelo rigor museológico que se assumiu no modo de expor os objectos, de os organizar, de lhes dar um contexto a par com o livro sem o qual não significam o mesmo – mas de um modo que também permite a independência de experimentar um sem o outro. Não fosse a presença constante do guarda que se certifica de que ninguém tira fotografias clandestinamente (o registo de imagens, com ou sem flash, é estritamente proibido) e teríamos a certeza de ter invadido o quarto de Kemal, o cérebro de Kemal, o poço sem fundo de desejo, tristeza, e noção aguda de efemeridade de Kemal. Um outro livro de Orhan Pamuk ganha relevo durante a visita: *Istambul – Memórias de uma Cidade*, onde o autor colecciona pequenas vinhetas em prosa sobre os mais variados aspectos da sua cidade íntima e onde analisa apaixonadamente o *hüzün* que os turcos parecem ter na sua génese cultural. Pamuk apresenta o *hüzün* como “uma reacção colectiva, não é o sentimento de uma pessoa que olha para as coisas de fora, é um sentimento experimentado por todos os istambulenses a partir da sua própria situação” e define-o como “uma gama de subtis variações entre a pena de si e a aflicção”. Mais adiante, no mesmo livro, explica que “Istambul transporta consigo o seu *hüzün* não como uma ‘doença passageira’ ou um ‘sofrimento que se abateu sobre nós e de que devemos libertar-nos’, mas como algo que foi conscientemente escolhido” (citações retiradas da edição portuguesa, da Editorial Presença). Um livro ilumina o outro, e os dois iluminam este museu. Kemal está doente de *hüzün*, mas não tem outro recurso do qual queira depender para a sua própria narrativa, não a que conta no livro de Pamuk, mas aquela que viveria se não fosse ficcional, aquela que todos enfrentamos e construímos, muitas vezes como se não soubéssemos.

NO ÚLTIMO andar, um espaço com zonas esconsas e uma luz coalhada pelo ângulo dos vidros, reconstrói-se, enfim, o quarto de Kemal, aquele onde os dois amantes passaram horas clandestinas e onde o narrador deu início à sua colecção, um espólio carregado de notas íntimas, significados pessoais, e talvez por isso com um tão grande potencial de universalidade. A cama, a mesinha de cabeceira, os objectos quotidianos, tudo encenado para replicar o quarto do livro. A encenação deste espaço, no entanto, é o gesto menos conseguido do museu, talvez porque a literalidade não beneficie a identificação. Os objectos guardados nas vitrinas reconhecem-se pela sua dupla condição de elementos romanescos e vestígios hipotéticos de qualquer vida, um reconhecimento engrandecido pela representatividade que a colecção assume perante o dia a dia da Istambul dos anos 70 do século passado. Já o quarto de Kemal transforma o visitante no voyeur que até aí não havia sido, um desconforto que quebra a empatia e o efeito de espelho que cada objecto assegura.

No quarto de Kemal, a visita está no fim. Numa das paredes, pode apreciar-se o detalhe colocado na concepção do museu através dos rascunhos e dos projectos feitos por Orhan Pamuk e pelos vários artistas e curadores que com ele colaboraram. Descendo as escadas, é difícil evitar uma certa ansiedade de regressar à rua. Não tanto porque a cidade não vá parecer a mesma, mas antes porque ninguém atravessa incólume uma tão grande quantidade de memórias – pouco importa se tomadas no seu contexto original ou apropriadas através de um romance –, uma tão forte concentração de *hüzün*.

O Museu da Inocência (<http://www.masumiyyet-muzesi.org/>) aceita doações de objectos vários, fotografias e outros registos que testemunhem a vida quotidiana da Istambul dos anos 60, 70, 80. O aviso, visível no site do museu, confirma que a colecção que agora se viu não será igual à que se poderá ver no futuro. Como se o passado não o fosse, como se Pamuk quisesse que não esquecêssemos que se nada mais sobra para além da *memorabilia*, é com ela que temos de modelar o presente que nos coube em sorte.



Vitrina exterior com cartazes e uma colecção de chaves

fiéis defun- tos

No dia 1 de Novembro celebra-se o Dia de Todos os Santos, um feriado católico que coincidia, até ao século XIII, com o Dia dos Fiéis Defuntos, momento anual de homenagem aos mortos. Ao contrá-

rio do Dia de Todos os Santos, que celebra a existência de santos e mártires em geral, independentemente de serem conhecidos pelos crentes ou não, a celebração dos Fiéis Defuntos resultou sempre da proximidade, da memória colectiva enquanto reunião de várias memórias individuais, de um gesto íntimo de lembrança. E se a celebração dos santos é um exclusivo dos que neles acreditam, a homenagem aos mortos é partilhada por todos, com ou sem festa, feriado ou dia solene. Muitos escolhem um dia certo para o fazer, ao abrigo das tradições locais respectivas, e é nesse dia que podemos ver cemitérios cheios de gente, numa romaria solene que pode revelar-se mais pesarosa, no caso da tradição da Península Ibérica, ou mais festiva, no caso mexicano, talvez a mais conhecida celebração de defuntos em todo o mundo. Estas fotografias foram tiradas no Cemitério do Alto de São João, um dos cemitérios mais importantes de Lisboa, no dia 1 de Novembro de 2012, último ano em que será feriado nesta data (por ordem recente do Governo da República Portuguesa, que decidiu suprimir alguns feriados nacionais). Independentemente de feriados oficiais, o dia 1 de Novembro continuará a ser o dia em que a igreja celebra os seus santos e em que as pessoas, crentes ou nem por isso, celebram os seus mortos, prestando-lhes a maior das homenagens: a da memória.

Fotografias Silvia Moldes



SELAO
19

VALCÍLIA MARIA RODRIGUES
ESPOSA MANOEL VIEIRA
ESTAVA UNIDA AO PLANETA
EM 19 DE MARÇO DE 1924
E FOI SEPARADA
EM 10 DE OUTUBRO DE 2005

DOMINGOS PIRES DA SILVA R
ETERNA SAUDADE DA MULHER;
FILHAS, GENRO, NETAS
E BISNETA
N. 12-11-1934
F. 10-10-2005

Antônio Maria
Rodrigues
N. 22-12-1910
F. 17-08-2005

4 6 7 5
2005

4 6 7 7
2005

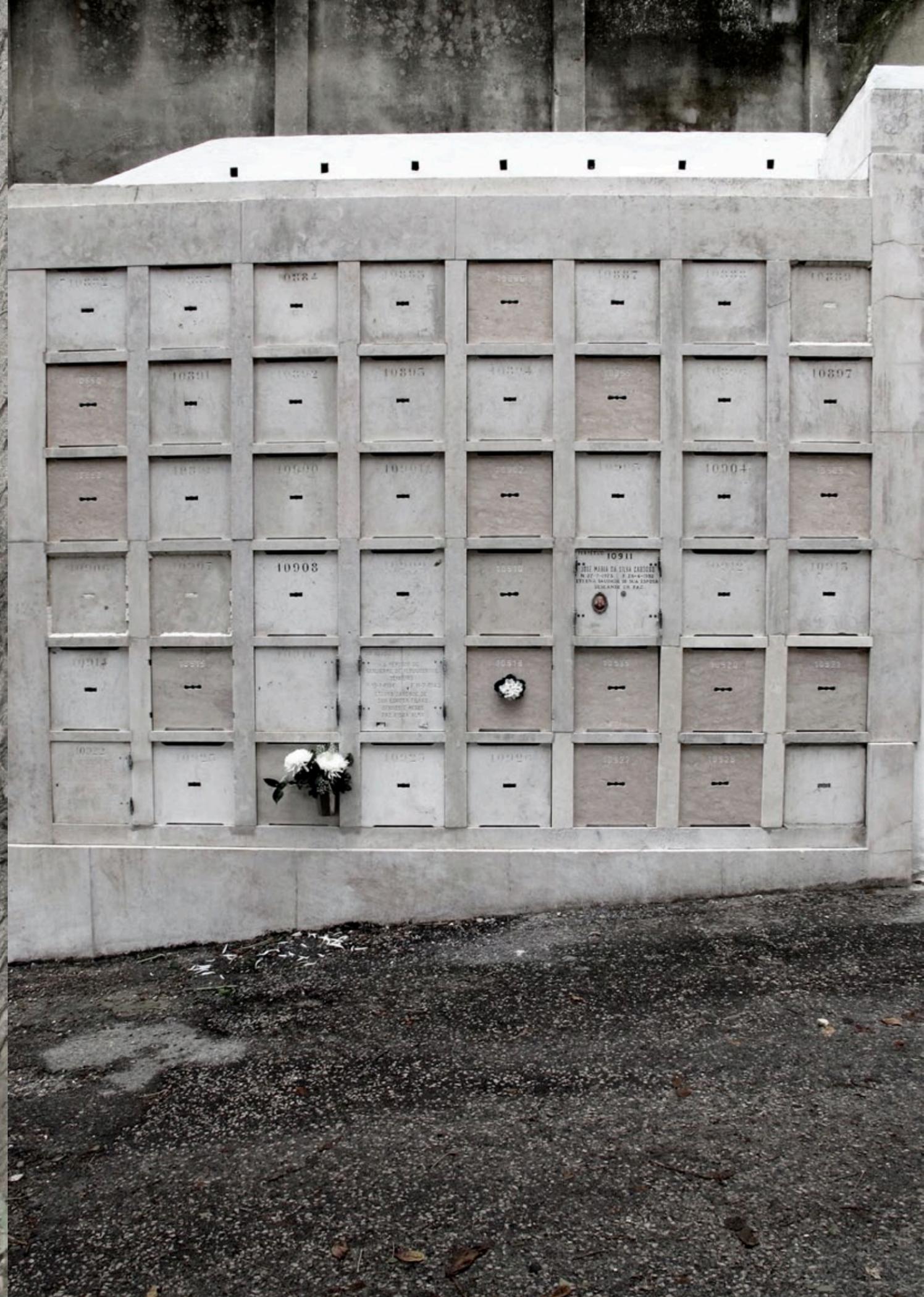
4 7 7 9
2005

PLDRO MANUEL P. F.
DL MAIOS
ET RNA SA JDA DOS PAIS
RMA
N 1 6
i 26 x

NATALIA CARDOSO
ETERNA SAUDADE DE DEUS FILHA,
FILHAS, GENROS, NETOS E BISNETA
DESCANSE EM PAZ
N. 31-03-1924
F. 26-10-2005









ACTIVA DEL SANTO
ALICIA
19-08-1908

LAURE BERTHA
TRINIDAD
19-08-1908

4764
2005

4812
2005

4843

4846

4815

SHLAG
17

MIQUEL PASCAL FERRER
1908

1908

4711
2005

4846
2005



AQUI JAZ
ALEXANDRINA AMELIA DA SILVA
NASCEU A 8 DE NOVEMBRO
DE 1860
E FALLECEU A 9 DE NOVEMBRO
DE 1913

4203

2033
FERRETUD 2765
A MEMÓRIA DE
HENRIQUE NUNES
E
GUILHERMINA NUNES
E ERNA SAUDADE DE SOUZA NUNES E
NETOS

2172

4336

VICTÓRIA
DE
BRAY IN JOSE MATEUS
DE FIGUEIRA DO
MANDADO EMERITUS DE SA...
FILIA





TRADIÇÃO: IDENTIDADE E MEMÓRIA

Andreia Brites

A tradição literária encontra-se sempre no cruzamento entre a herança do texto fixado, editado, impresso e reimpresso e as narrativas orais, que correm livres nas vozes que as ouvem e reproduzem. A muitas vezes considerada alta e baixa cultura tem tendido, ao longo do último século, a aproximar-se, levando ao apagamento das fronteiras que ainda persistem.

*Este movimento é perceptível através da leitura de dois livros que cruzam o património do imaginário coletivo com a construção literária do texto. Por um lado, Tatiana Salem Levy explora a figura de **Curupira**, um ser fantástico, que habita nas florestas brasileiras, pugnando contra os invasores em defesa dos animais e das plantas. O texto e as ilustrações são fiéis às principais características desta figura, numa clara intenção de lhe oferecer um contexto particular que lhe dê identidade e vida. Recupera-se, assim, uma memória coletiva que faz parte do património folclórico e mítico do Brasil, escolhendo-se como ferramenta o texto literário e como destinatário o público infantil.*

*Ao invés, as onze recriações de **O Capuchinho Vermelho** partem já de uma fixação literária do conto tradicional, destinada a crianças, e alteram-na, de acordo com a sua leitura, as relações intertextuais que tecem, a sua memória individual. Por isso, o destinatário ideal destes novos textos só num caso se pode afirmar ser a criança. Em todos os outros, ou não o é de todo, ou sê-lo-á a par dos adultos. A tradição cruza origens e destinos múltiplos, memórias, símbolos e identidades particulares, unidas por temas universais.*

Le Petit Chaperon Rouge , Gustave Doré, 1870>



A origem, o outro e a amizade universal

Andreia Brites

CURUPIRA *Pirapora* é uma estreia tri-céfala no universo do livro infantil: da escritora, da ilustradora e da editora.

Tatiana Salem Levy escolheu uma das inúmeras figuras do folclore brasileiro, o curupira, deus-lhe corpo e alma, e nessa alma guardou solidão, sentido de justiça, alegria e o dom precioso de se emocionar e se espantar com a vida e os outros. Depois, a autora fez entrar em cena uma rapariga da cidade, em tudo diferente do curupira... em tudo que será, no fundo, muito pouco para além da aparência e do contexto geográfico em que vivem.

Uma história sobre a amizade que se descobre ao descobrir-se o outro, na sua singularidade. “Era tanta palavra nova, tanta palavra que Janaína não conhecia! E com as palavras vinham também as coisas, que ela nem imaginava existirem. Porque nós temos o costume de achar que o que não tem nome não existe – o que é um pouco verdade.” Um acidente interrompe esta partilha e de repente há que assumir um projeto comum, o castigo a infligir ao caçador que acaba de matar a mãe onça e a sua cria. Ao suborno, o curupira responde que não, e a partir daí dá-se a viragem no jogo de poder. Pirapora e Janaína ditam as regras que levarão a uma punição exemplar (que também consta no legado do mito): o caçador nunca voltará a encontrar o caminho de volta a casa, errando para sempre pela floresta, aterrorizado. A crueldade dos amigos passa incólume, transformando-se na grande aventura que lhes servirá de recordação.

A separação e a consequente perda, tema muito caro à escritora nos seus livros para adultos, desvia o livro do caminho moralizante, tornando-o essencialmente uma narrativa de afetos, curiosidades e descobertas inesquecíveis. O enredo é linear, as descrições simples. Apesar disso, o texto deixa em aberto um espaço para a apropriação sensorial que as ilustrações não boicotam. Há, na composição gráfica dos elementos visuais – da escolha das cores à geometria das formas – um afastamento do realismo que alimenta essa receção. Destaca-se a saturação do verde e a integração dos animais. Num contexto de constante movimento, folhas, ramos e troncos confundem-se com cobras, pássaros e macacos. O curupira é um prolongamento do seu espaço, como tão bem se percebe na ilustração que acompanha o epílogo da narrativa. Janaína, apesar das roupas, dos colares e da mala, partilha com a floresta o castanho e o vermelho da pele e da roupa, marca de uma ancestralidade que se manifesta neste encontro. A identidade e as origens são outros eixos temáticos de Tatiana Salem Levy que deixa, numa simplicidade aparente, várias linhas de leitura, como aliás explicita no final, ao identificar as referências que cruzou no texto. Tudo neste livro transborda de curiosidade, emoção, candura. Imagina-se facilmente que esta recriação poderia ser também uma história do património oral, pela cadência, suspensão e clímax.

Uma estreia auspiciosa que não promete, porque já é: um belo livro. Infantil.



Onze Capuchinhos numa teia de sentidos

Andreia Brites

QUANDO se trata de contos tradicionais, há muito pouco que ainda não tenha sido feito. Recontos, ilustrações, reescritas, dramatizações, animações... Em todas as artes, técnicas e engenhos os reencontramos. Por isso, é certo que algo de especial acolhem e revelam. Nestes contos reside uma espécie de origem identitária, fundadora de simbologias que sempre nela se reviram, e nela se procuram, ao nível do imaginário coletivo tanto quanto das ciências humanas e sociais.

Quando se comemoram os duzentos anos sobre a edição dos *Contos da Criança e do Lar*, dos irmãos Grimm, a Bags of Books edita uma coletânea de onze textos, assinados por onze autores portugueses a partir do conto *O Capuchinho Vermelho*.

O desafio foi lançado pelos professores e investigadores Sara Reis da Silva e José António Gomes a autores que contam, no curriculum, com diversas obras de receção infantil, mas não lhes foi pedido que, nesta apropriação do texto original, se detivessem no público mais jovem.

Assim, o resultado é heterogéneo em estilos, tipologias, temas e destinatários. Menos óbvia é, por vezes, a relação de cada texto com o seu referente inicial.

Como assinala a própria Sara Reis da Silva,

no volume *De Capuz, Chapelinho ou Gorro*, um estudo sobre as recriações do conto na literatura portuguesa para a infância, este livro “materializa, igualmente, a tendência para a reelaboração criativa da narrativa clássica, a partir de surpreendentes transformações (...)”¹.

Efetivamente, tal como acontece com muitas das recriações dadas à estampa, também em *Capuchinho Vermelho: Histórias Secretas e Outras Menos* se verificam alguns critérios que a organizadora destaca no seu volume teórico. A alteração tipológica do texto, encontramos-la na paródia de Eugénio Roda, que apresenta uma receita satírica de “Capuchinho Vermelho à Caçador”, nela incluindo, com cuidadoso tratamento linguístico, todos os elementos estruturais da narrativa, seja pela sua inclusão clara, seja pelo jogo com a plurissignificação semântica e pragmática. Francisco Duarte Mangas transforma a narrativa num texto dramático, em que, no final, o capuchinho, a avó e o lobo, que afinal é uma loba, expulsam o caçador do seu núcleo feminino.

A poesia habita as últimas quatro recriações, com leituras e abordagens muito diferentes entre si. Se João Manuel Ribeiro tece um diálogo com o hipotexto, recuperando, em jeito de cançoneta, os principais momentos diegéticos do conto original; João Pedro Mésseder detém-se na ideia da



Nestes textos, a memória do Capuchinho Vermelho surge nostálgica ou subversiva

inocência e dá voz à menina, agora adulta, para que seja ela a desvendar à avó o verdadeiro sentimento do seu encontro com o lobo: “(...) Aprendi, avó querida,/ que o vermelho tem uma idade,/ mas que os lobos envelhecem/ a semear felicidade. (...)”. Teresa Martinho Marques aproxima a sua leitura da de Mésseder, enfatizando o sentimento de encantamento e sedução que o Capuchinho sente pelo lobo, numa atitude de libertação em relação à moral estrita e antinómica do original.

FINALMENTE, Vergílio Alberto Vieira fecha a antologia em beleza, com uma atualização do conto, que narra, em verso, o que aconteceu depois ao Capuchinho e à sua avó.

Perspetivado a partir do presente e adaptado à realidade portuguesa, o poema provoca, quase inevitavelmente, um sorriso cúmplice.

Mantendo-se fiéis ao género narrativo, os outros textos cruzam tendências moralizantes, recontextualizações sociais e acrescentam diálogos intertextuais. Assim é com Carla Maia de Almeida, cujo conto remete claramente para *O Livro da Selva*, de Rudyard Kipling, avançado numa alegoria ontológica carregada de símbolos.

António Manuel Pacheco, que abre o volume, acrescenta motivações e valores às personagens do capuchinho e do lobo, relativizando e justificando as suas ações iniciais.

Outra atualização do conto, fá-la Augusto Baptista que, partindo da cena da perseguição do caçador ao lobo, satiriza a estrutura moralizante apresentada pelos irmãos Grimm oferecendo ao lobo uma fuga para a selva urbana, um desenlace

amoroso em contexto bélico ao caçador e ao capuchinho e aos Grimm, um campo de reeducação.

A inclusão do lar de idosos é oferecida por Isabel Minhós Martins, outra autora que opta pela atualização da história, numa tensão absolutamente contemporânea, a que não falta o cesto, o percurso pela floresta, a mãe e a filha. Ausentes, apenas o caçador e o lobo, que bem poderão estar ocultos algures no íntimo da personagem da mãe, da avó e até do lugar de destino.

Finalmente, António Mota, fiel ao seu universo, escreve sobre a descoberta sexual de um rapaz no meio rural. Aqui, a relação com o Capuchinho é mediada pelos disfarces de Carnaval, que no fundo são o principal instrumento para que se cumpra a simbologia sexual da obra.

Na multiplicidade literária que a antologia oferece se delineiam as teias que os sentidos promovem, as da intertextualidade que se cumpre agora, não apenas com o Capuchinho Vermelho dos irmãos Grimm, mas também entre as abordagens de cada autor. Nestas leituras destaca-se uma clara desvinculação da moral original e a sua subversão ou recriação, afastando-se do paradigma do bem e do mal para se apropriarem da ideia de inocência, identidade e relação com o mundo.

1. in Sara Reis da Silva, *De Capuz, Chapelinho ou Gorro, Recriações de O Capuchinho Vermelho na Literatura Portuguesa para a Infância*, col. Percursos da Literatura Infantojuvenil, Tropelias & Companhia, Porto, 2011, p.181



Casa del Lector, casa do leitor crítico

César Antonio Molina

DIRETOR DA CASA DO LEITOR

ABRIU no passado mês de outubro, em Madrid, o mais recente projeto de promoção da leitura da Fundação German Sanchez RUIPEZ. A Casa del Lector centra-se na pessoa e tem como objectivo formar leitores críticos. César António Molina explica-nos porquê.

“A Casa do Leitor concebe-se como um espaço cultural onde tudo o que suceda estará dirigido ao sujeito-leitor, que será o núcleo em torno de quem se desenvolve todo o projeto, e não a leitura, em termos genéricos, nem o suporte, como acontece agora na maioria das instituições públicas e privadas.

Trata-se de um projeto de democracia cultural em que o centro é a pessoa, o indivíduo. O leitor converte-se no centro de toda a criação, de toda a atividade. Trata-se de realizar uma viagem conceptual dirigida ao indivíduo.

O leitor para nós converte-se num ideal. Um ideal em que o sujeito se bifurca em sujeito=leitor e sujeito=decisor. Acreditamos num sujeito que tem capacidade para decidir e tentaremos dotá-lo dessas capacidades leitoras.

O meu querido José Saramago estava certo quando afirmava que uma das muitas falhas da sociedade atual é a pobreza da consciência crítica dos cidadãos. Ter consciência crítica é assumir a responsabilidade de analisar os factos que nos rodeiam, que nos afetam como indivíduos, partilhá-los, esmiuçá-los e tirar conclusões construtivas.

O objetivo da Casa do Leitor deve ser fundamental para desmascarar estereótipos gerando

um olhar crítico. A leitura tem de ser necessariamente crítica e tem de dar aos que a adquirem as ferramentas necessárias para alcançar essa responsabilidade.

A consciência crítica não é apenas importante porque nos outorga a capacidade de melhorar mas porque também nos leva a deixar de ser passivos, acrílicos. A pessoa crítica dedica-se a observar, a ler o social e a tirar conclusões.

Leitura significa transmitir conhecimento. Conhecer a realidade na sua totalidade, configurá-la como matéria de pensamento. O pensamento crítico propõe-se analisar a estrutura dos raciocínios, particularmente de opiniões ou afirmações que aceitamos como verdadeiros no contexto da vida quotidiana.

A leitura tem de partir de uma consciência crítica da linguagem, que passa pela análise dos valores que esta projeta, pela sua influência sobre as nossas vidas, e deve orientar-se para uma participação responsável.

O conceito do leitor crítico baseia-se em valores intelectuais que tratam de ir para além das impressões superficiais. Ainda que empregue a lógica, tenta superar o seu aspeto formal para entender e avaliar os argumentos no seu contexto, e dotar-se de ferramentas intelectuais para distinguir o superficial do verdadeiro. Aí se centrará a programação da Casa do Leitor.”

<http://casalector.fundaciongsr.com/>

The Best Illustrated Books 2012 pelo Sunday Book Review

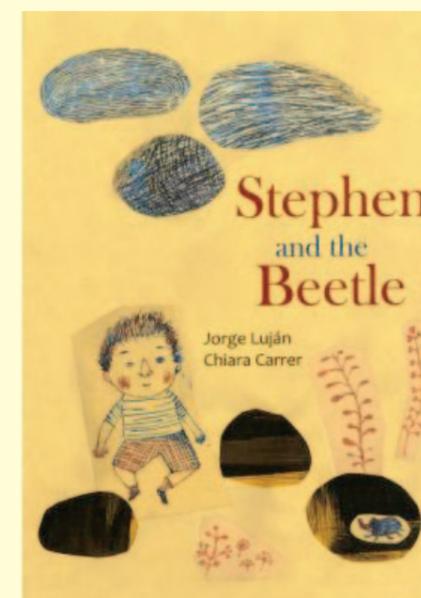
À imagem de anos anteriores, o Sunday Book Review, do Jornal *The New York Times*, divulgou a lista dos dez melhores livros ilustrados do ano de 2012, publicados nos E.U.A.

De entre escritores e ilustradores, os nomes mais conhecidos entre nós são o de Oliver Jeffers, que merece a distinção com o álbum *The Hueys in the New Sweater* e Chiara Carrer, que ilustra o álbum *Stephen and the Beetle*, escrito por Jorge Luján. Um dos livros que mais destaque mereceu ao longo do ano foi *Les Oiseaux* (originalmente publicado pela suíça La Joie de Lire), da dupla Germano Zullo e Albertine, que é mais uma vez reconhecido neste top ten.

Na lista constam autores de várias nacionalidades, e livros que foram originalmente publicados em anos anteriores noutros países. Os temas, e os géneros são múltiplos, da narrativa à não ficção, do *picture book* com texto ao *picture book* exclusivamente de imagens. *Bear Despair*, do francês Gaëtan Dorémus, um dos dois álbuns sem texto presentes, narra a aflição e raiva do pai urso na tentativa de salvar o filho das garras e tentáculos dos animais que o levam. Já *The Beetle Book* apresenta e descreve os diversos tipos de carochas que habitam algures no Planeta Terra, seguindo a linha de livros de divulgação científica de Steve Jenkins.

O júri é composto por três figuras ligadas ao universo estético do livro ilustrado, tendo cabido a um dos vencedores de 2001, Chris Raschka (*A Ball for Daisy*), integrar o trio desta edição, que assina os sessenta anos de atribuição do prémio.

<http://www.nytimes.com/slideshow/2012/11/09/books/review/11best-illustrated.html>



Terceiro Catálogo Iberoamericano de Ilustração

À imagem do que aconteceu em 2011 e 2010, a Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México acolheu o lançamento do Catálogo Iberoamericano de Ilustração e inaugurou a exposição dos 45 ilustradores selecionados. O Catálogo, que vai na sua terceira edição, é uma iniciativa da Fundação SM com o apoio do grupo criativo Ilustradero e da própria Feira de Guadalajara, e pretende dar visibilidade ao trabalho dos ilustradores que se dedicam ao livro infantil e juvenil. Em relação ao ano passado, o presente catálogo integrou mais cinco ilustradores, de entre os 477 que se apresentaram a concurso, oriundos de quinze países do espaço iberoamericano.

A vencedora desta 3ª edição foi a mexicana Adriana Quezada Rivas, e o jurí atribuiu ainda menções especiais a Enrique Torralba Ramírez (México), Leonor Pérez Bustos (Chile), Mar Ferrero Barrio (Espanha), Mariana Villanueva Segóvia (México) e Marina Aizen (Argentina). Gémeo Luís é o único português presente neste conjunto de autores.

Espera-se que a exposição entre agora em itinerância, tal como aconteceu com as anteriores, quer no México como por outros países da América Latina e Europa. O catálogo está disponível online para consulta e deleite.

Em simultâneo, está já aberto o concurso para a edição de 2013 do Catálogo, ao qual poderão concorrer, até 28 de Junho, todos os ilustradores da geografia iberoamericana.

http://issuu.com/pixilon/docs/3catalogo_iberailustra_baja/7#download

Encontros Luso-Galaico-Franceses de Literatura Infantil e Juvenil

Pelo 18.º ano consecutivo a Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto voltou a acolher os Encontros Luso-Galaico-Franceses de Literatura Infantil e Juvenil. Nos dias 6 e 7 de dezembro esteve em debate a educação literária, com comunicações de Blanca-Ana Roig Rechou, Ana Margarida Ramos, e Madalena Teixeira da Silva. A poesia de Sidónio Muralha mereceu a análise de José António Gomes e Ana Cristina Macedo.

Com uma intenção prática, os ateliers deram primazia às práticas de leitura a desenvolver em sala de aula. Houve ainda tempo para a apresentação de livros, revistas e da editora francesa Éditions Memo, assim como para comemorar, com a presença de autores galegos, o aniversário do Prémio Merlín.

A finalizar, no lugar de destaque que o autor sempre mereceu, uma homenagem ao escritor português Manuel António Pina (1943-2012).

Os Encontros resultam da estreita colaboração entre algumas universidades portuguesas e galegas, através de vários centros de estudos e investigação, entre os quais a LIJMI (Rede Temática de Investigação As Literaturas Infantis e Juvenis do Marco Ibérico e Iberoamericano), a LITER21 e o ELOS – Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil.

À imagem de anos anteriores, a Feira do Livro presente no local dos Encontros permitiu ao público o acesso a obras que muitas vezes se encontram fora do circuito comercial, não apenas académicas, como é o caso de muitos estudos que as Edições Xerais de Galicia lançam regularmente, mas também literárias.

FORMAÇÕES BOOKTAILORS

Comunicação Editorial
Distribuição do Livro – *vários níveis*
Gestão de Projetos Editoriais
Livro Infantil
Marketing do Livro
O Novo Acordo Ortográfico
Preparação de Original em Ambiente Digital
Produção e Orçamentação Gráfica
Revisão de Texto – *vários níveis*

Saiba mais em
BLOGTAILORS.COM
ou através do e-mail
FORMACAO@BOOKTAILORS.COM

**DESCONTO DE 10 %
PARA TODOS OS ESTUDANTES**

Salon du livre et de la presse jeunesse Seine-Saint-Denis

A Aventura foi o tema da edição de 2012 do Salon du Livre et de la Presse Jeunesse Seine-Saint-Denis. Por isso, entre 28 de novembro e 2 de dezembro, o programa do certame contou com encontros diários com escritores de livros juvenis, que compartilharam o seu gosto pela aventura. Michael Morpurgo, Alex Scarrow e Ramson Riggs foram alguns dos autores não francófonos presentes. A grande exposição do Salão desafiou nove autores a desenharem uma grande aventura, a partir de textos seus ou de outrem. Do guache ao vídeo, do carvão à aguarela, da colagem à gravura, esboços e resultados estiveram patentes a 28º W.

Sendo uma Feira dedicada ao livro e aos meios de comunicação para crianças e jovens, há uma especial atenção na programação para escolas e famílias. Nos Sete Polos Artísticos, um dos quais dedicado especialmente aos adolescentes com uma jukebox multimídia, os mais novos exploraram cinema, banda-desenhada, teatro, aplicações, jogos e outras criações para tablets, a produção artística e técnica de livros, jornais e revistas.

O site do Salão do Livro disponibilizou um programa com uma escala por hora e dia de todas as atividades. Para além da diversidade, foi possível constatar que as propostas se dirigiam a crianças ou adolescentes, exceto as oficinas ou sessões de formação para profissionais. A toda a dinâmica da programação há a acrescentar uma longa lista de stands de editoras e livrarias, onde se expuseram as tendências do livro infantil e juvenil francês, europeu e até mundial.

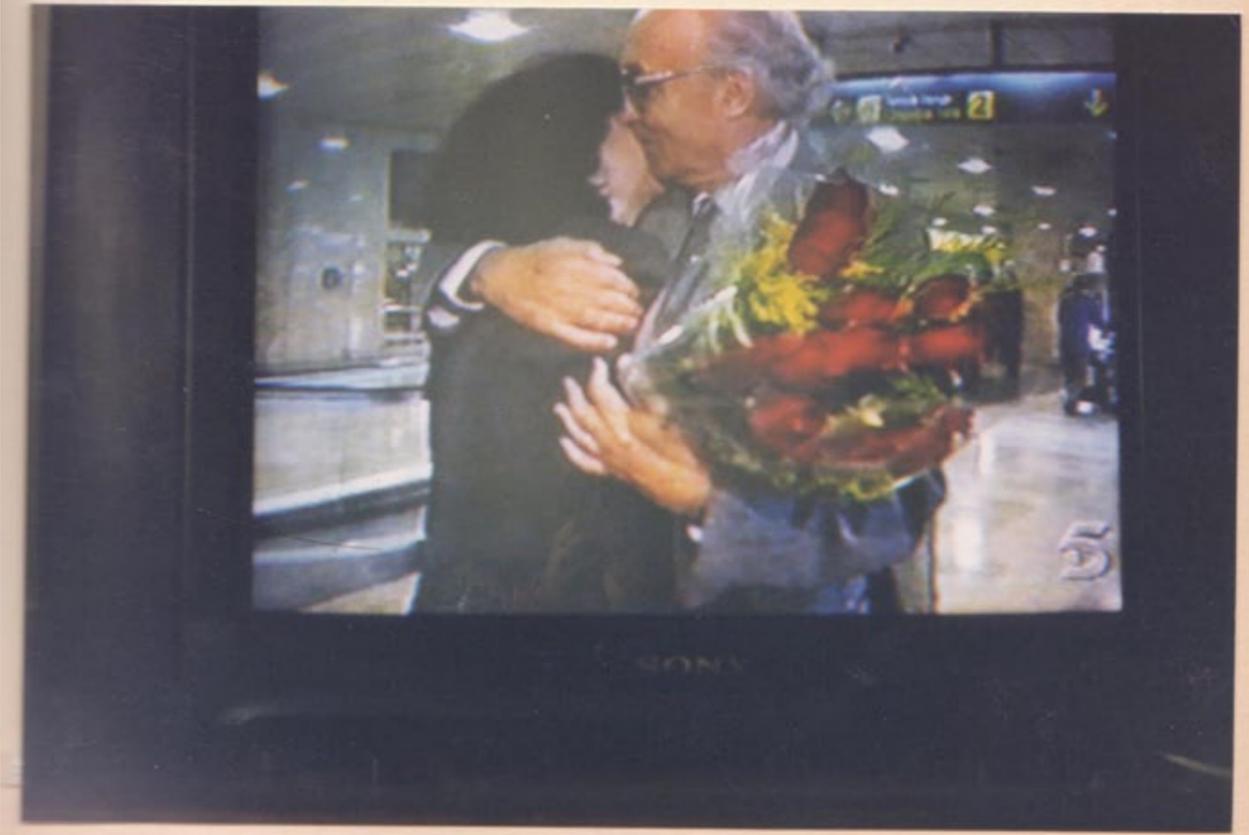
Fotografias de CARLA OLIVEIRA editora da Orfeu Negro
<http://www.salon-livre-presse-jeunesse.net/>



SARAMAGUIANA:

*Quero estar onde a
minha sombra estiver,
se lá é que estiverem os
teus olhos. A memória
do Nobel faz-se de
frases, de imagens,
de emoções. Recordemos
esse mês de dezembro
pelos olhos de Pilar del
Río, há 14 anos atrás.*





Y el día 11 de
octubre José llegó
a casa por transfer
ce un pay limpiat y
luego se fue por
Lisboa.



José, junto al alcalde y
el presidente de la Asamblea
Municipal y Pils
saludando a los lisboetas
enfresados en la Plaza
del Municipio.

El ministro de Cultura, Manuel
de Sá Cerilho vino con un avión
de las PFAA y con Zeferino
y Soane a recoger a
José. Pasaron unas horas
en la zona y, volando,
a Lisboa.

En el Aeropuerto estaban
el Primer Ministro Antonio
Sutierrez y muchos amigos,
y sobre todo entre ellos.

José Soares, fue
hecho en palabras de
ciudad con carteras fue
decían "felicidades
Senhores".



Posando por Rui Pinto
Coelho, en su estudio
de Medida.



Fuè firmà el libro
de la ciudad. Y dice...



Pilar observa el
trabajo del maestro
y la paciencia del
retratado

Meo João Soares invitó
a cenar a un grupo de
suizos. Entre ellos veo a
los escritores Lidia Jorge,
Manuel Alegre, BB, José
Manuel Mendiz, Raul Noroño,



Con Pils en la nieve,
quizá la única vez fue
pise uno de ellos sin que
fuera por obligación.

14
Luego, como Olimonda,
decorrió Portugal de
parte a parte, recibí
reces, no para presuntar
sino para compartir
le alegría de un premio.

Imperó a ceuiche en
Lave, junto a Mariana
Basuza, como hace tantos
años, cuando escribió
Xerantado do Chão



Detalle del vestido, bolso
y clave. Nunca faltó
el clave.

Seue boró arboles, i naforó
bibliotecas, converló con
niños y mayores, recibió
flores y medallas,
con per tío ale pira y
dijo: "Atrás días, en
Portugal, today heuen
crecido 3 cm."
Y los fue le oír
esturim de acuerdo.



En la cena
este buen día
editores de José, fue
a juzgar por la cercedad
que se oían, lo pesaron
muy bien. Y brindaron por
el Nobel de literatura. José

Ni José Manuel Bland
ni Juan Cruz podían
vivir sin teléfono.
Como queda demostrado



Bajamos para ir a la
Cena ^{real} ~~de~~ Arrepledo, como
principes.

- ¿De qué nos reíamos?
- ¿Qué tiene de gracioso el Premio Nobel?
- ¿O le gracia viene de otro lado?
- Si es así ¿de dónde viene?
- ¿De qué se ríen?
- y le Frau prefrita:
Si el Nobel de la tentan y amigos
ocupe el bar del hotel
¿Qué hacían los otros faltar
donados?



¿Vale? ¿Te enteras?
Pues eso.

Con le Reque
y le Presidenta
del Parlamento
Sveo. Ambas
afrediciaron el
discurso. "Al pisa
tenia fue de curto"
comentó le
Reque.



No es el camarote de
los Hermanos Marx.
Es le suite de Jarawafo
ocupado por a cuifos
fue deci dieno. Compartir
con el Nibel el almuerzo
del día després. Y lo trajeron
de España.

A G E N D A

> 27 JAN As Idades do Mar

Exposição de pintura que reúne 108 trabalhos realizados entre os séculos XVI e XX, provenientes de dez países, sobre o tema do mar. Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.
www.gulbenkian.pt



> 13 JAN In Wonderland: mujeres surrealistas en México y los Estados Unidos

Exposição de artistas femininas do continente americano, com obras datadas de entre 1920 e 1968. Museo de Arte Moderno, Cidade do México.
<http://mam.org.mx/>

> 27 JAN Um olhar sobre o Brasil. A Fotografia na construção da Imagem da Nação

Exposição de fotografia que acompanha 170 anos da história do Brasil. Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, até 27 janeiro.
<http://www.instituto.comieohtake.org.br/>

> 5 JAN Salón del Libro Infantil de Madrid

Edição anual de um dos encontros mais importantes na área do livro para a infância e a juventude. Centro Cultural Conde Duque, em Madrid,
<http://salondellibroinfantilyjuvenil.com/>



> 13 JAN Carteles de Cine

Exposição de cartazes para cinema do designer nova-iorquino Saul Bass. No Circulo de Bellas Artes, em Madrid.
<http://www.circulobellasartes.com/>

J A N E I R O



> 31 DEZ SucArte

Exposição de trabalhos de Getúlio Damado, artesão mineiro residente em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Parque das Ruínas, Rio de Janeiro.
<http://www.galeriaestacao.com.br/artista/20>

26 DEZ Gran Concert d'Any Nou

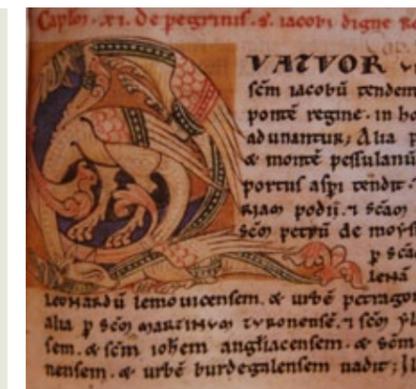
A Strauss Festival Orchestra interpreta várias peças de Johann Strauss. Gran Teatre del Liceu, Barcelona.
<http://www.liceubarcelona.cat/>

> 30 DEZ Nacer, crecer y morir en dictadura

Exposição sobre a ditadura chilena, a partir da coleção permanente do museu. Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, Santiago do Chile.
<http://www.museodelamemoria.cl/>

4 JAN Concerto de Ano Novo Orquestra Filarmonia das Beiras

Árias e duetos de óperas, músicas de filmes e de musicais, com a soprano Isabel Alcobia e o tenor Carlos Guilherme. Nos Paços da Cultura, em São João da Madeira.
<http://pacosdacultura.blogspot.pt/>



> 6 JAN Códices, xoias das catedrais galegas na Idade Media

Exposição que reúne alguns dos livros mais importantes da produção galega medieval, com destaque para o *Códice Calixtino* e o *Misal Auriense*. Museu Centro Gaiás (Cidade da Cultura), em Santiago de Compostela.
<http://cidadedacultura.blogspot.pt/>

BLIMUNDA

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

Capa

Elisabete Gomes/Silvadesigners

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC – 126 238

Os textos assinados são
da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

